

II CINAB, VII SIALA e IV CNAB: Direitos Humanos e Políticas Públicas

GT 1: Africanidades e Brasilidades em Literatura e Língua

Entre projetos e presepadas: para além da infância de um curumim kayapó da Amazônia brasileira

Vera Lúcia da Silva ¹

Resumo Através da narrativa *Projetos e presepadas*: a trajetória de um curumim pela Amazônia de Edson Kayapó, abordaremos a potência da infância como lugar da expansão do presente e de outras racionalidades. Para esta leitura, serão convocados autores como Walter Benjamin (1993) e Boaventura de Sousa Santos (2002), a fim de saber como a temporalidade, o jogo das semelhanças, exterioridade e interioridade, apresentam-se como forças de resistência aos processos de violência e de produção de outras estéticas.

Palavras-chave: Infância. Temporalidade. Semelhanças. Resistência.

Projetos e presepadas: a trajetória de um curumim pela Amazônia é uma curta narrativa com fortes traços autobiográficos, escrita por Edson Kayapó e assinada pelo pseudônimo Yuaska Amazônida, em que ele conta parte de sua infância no Amapá, a saída rumo a um colégio interno adventista em Altamira e por fim, a admissão em outro internato na Bahia. A produção venceu em 2010 o 7º Concurso Tamoios, pensado como uma ação de fortalecimento da nova década dos povos indígenas (2005–2015) proclamada pela UNESCO, em parceria com o INBRAPI – Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual, através do Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas (NEARIN). Ainda em 2018, o texto será publicado pela editora Positivo sob o título de *Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia*.

A voz narrativa é a de um adulto que não faz da infância um paraíso perdido, um lugar idealizado a ser revivido para amenizar os problemas de um certo presente. As cenas trazidas pelo escritor são lúcidas, ausentes do sentimentalismo ao qual se expõem àqueles que se propõem a escrever os tempos de criança. Mesmo diante da memória da realidade difícil dos tempos de internato, da condenação diária de sua maneira de ser e da clara

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade da Universidade Federal do Sul da Bahia / vsilva.lucia@hotmail .com

intenção de substituir sua cultura indígena por uma outra mais próxima do ideal europeu, da consciência da exploração e da violência sofrida, o que o autor faz é contar eventos singulares, os sustos de alguém pequeno diante da grandeza do mundo.

Os missionários adventistas que conseguiram uma vaga no Colégio Adventista de Altamira pretendiam tornar o pequeno kayapó um pastor que posteriormente voltaria para converter seu povo. Edgard Lander descortina o que há por trás dessa intenção ao denunciar que há uma

suposição da existência de um metarrelato universal que leva a todas as culturas e a todos os povos primitivo e tradicional até o moderno. A sociedade liberal, como norma universal, assinala o único futuro possível de todas as outras culturas e povos. Aqueles que não conseguem incorporar-se a esta marcha inexorável da história estão destinados a desaparecer. (LANDER, 2005, p. 13)

O narrador de *Projetos e Presepadas* inicia sua história a partir de uma visão: “Da rede atada no barco ancorado ao cais, vi passar uma nuvem em forma de cacau e me lembrei. Era assim que a gente brincava à beira do grande rio” (KAYAPÓ, 2010 p.1) O verbo ser flexionado no pretérito imperfeito do indicativo: *era*, abre um tempo em que passado, presente e futuro se entrecruzam e a infância então passa a ser mais que um lugar cronológico, torna-se o lugar da experiência humana.

Não se trata aqui de um tempo, nas palavras do sociólogo português, Boaventura de Souza Santos (2002, p.246), em que “a história tem sentidos e direção únicos e conhecidos”, em que esse sentido tem sido construído como sinônimo de “progresso, revolução, modernização, desenvolvimento, crescimento, globalização” colocado a serviço da construção de uma teleologia da racionalidade hegemônica. A perspectiva aberta pelo “era” recusa toda linearidade, uma vez que se volta para um tempo passado, plural, como força que interrompe o presente e abre possibilidades para outras formas de pensar e fazer, para outras estéticas² possíveis. Nesse presente cabem a criação, a brincadeira com um tempo entrecruzado, não-linear, o descomprometimento com a verdade positiva das coisas.

² Estética aqui será compreendida como espaço de questionamento dos limites e enquadres da razão ocidental, como esfera de sensibilidades, sensorialidades, do gosto, dos sentidos sociais, enfim, como modos de percepção no mundo, das maneiras como o vemos e dele participamos, conforme nota de aula da professora Luciane Lucas dos Santos em 16/03/2018 no componente Tópicos especiais em sociedades contemporâneas: estéticas subalternas, estéticas do sul – um olhar sobre o belo e o útil ministrado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade – PPGES da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB.

Boaventura (2002, p.247) ao discutir as diferentes lógicas de produção de não existência lança luz sobre a questão acima, quando nos diz que “a primeira lógica deriva da monocultura do saber e do rigor do saber. É o modo de produção de não-existência mais poderoso. Consiste na transformação da ciência moderna e da alta cultura em critérios únicos de verdade e qualidade estética, respectivamente”. No caso das crianças kayapó e de tantas outras, a escola, a partir de um currículo e práticas ocidentais violentas àquelas subjetividades seria esse lugar potente de produzir o apagamento das existências indígenas e de tudo o que a elas dizem respeito.

Kayapó, para além de uma lembrança pacífica e tranquilizante, dá a ver em sua narrativa as vozes dos meninos “projeteiros” que recusavam a adesão a um modo de vida estrangeiro, manifestadamente violento, opressor e totalizante. Para Boaventura (2002, p.241-242) há uma razão metonímica que é “obcecada pela ideia de totalidade sob a forma de ordem” onde “o todo tem absoluta primazia sobre cada uma das partes”, de forma que as particularidades simplesmente deixam de existir fora dessa homogeneidade.

Aos poucos eu me deparava com o rigor do colégio e uma nova forma de viver, sem banhos no rio, sem comer os frutos da floresta e sem as brincadeiras típicas de uma criança indígena.

Apesar de toda o rigor e a opressão praticadas contra nós no colégio em Altamira, sempre encontrávamos tempo para brincar. Pira e bandeirinha eram atividades permitidas que eu mais gostava. Futebol era rigorosamente proibido. Arrumávamos também tempo para reagir e aprontar diante daquela quantidade demasiada de regras. Para driblar as proibições e praticar nossas costumeiras presepadas, usávamos estratégias denominadas “projetos”. (KAYAPÓ, 2010, p.10)

No contexto do internato adventista brincar era a não-aceitação, ato subversivo ante a homogeneização que se colocava como imperativo, apesar da consciência do Curumim, apelido do Kayapó, de todas as expectativas de seus parentes e em especial de sua mãe.

Parece-me então, que há um movimento em que o mundo adulto formatado nos moldes de um ocidente sociológico, em choque com a alteridade estrangeira da criança, empreende forças para calar o que há nela de selvagem e de fora do tempo. Trabalha-se nas instituições empenhadas nos cuidados com a educação infantil, muitas vezes com o objetivo de anular ou reduzir o que é para nós desconhecido, inconveniente, enfim, submeter à infância o mais cedo possível ao ideal humano de sintaxes e semânticas sem tropeços ou incoerências.

É essa alteridade estranha e irredutível a nós, esse ser já pleno na cultura indígena citada, que testa os limites do poder no colégio interno, apesar do compromisso com os parentes, com a mãe e dos castigos físicos. O curumim é quem interpela as regras rígidas indispensáveis a um mundo de gente grande, é ele quem desestabiliza a ordem e os discursos ao frustrar a eficácia de todas as explicações, saberes e práticas. A infância proclama então a absoluta impotência das instituições para subjugar-la, os “projeteiros” continuavam a *presepar*: Os “projetos” não cessaram, assim como não cessaram os castigos, conforme nos conta Kayapó (2010, p.13).

No entanto, a brincadeira não deve ser vista apenas como força política da infância, ela é também uma maneira de produzir semelhanças, para Benjamin (1993, p.108) uma capacidade suprema, humana que estaria hoje desaparecendo:

Com a passagem dos séculos a energia mimética abandonou certos espaços, talvez ocupando outros (...) Pois o universo do homem moderno parece conter aquelas correspondências mágicas em muito menor quantidade que o dos povos antigos ou primitivos. A questão é se se trata de uma extinção da faculdade mimética ou de sua transformação. (BENJAMIM, 1993, p.109)

Essa correspondência mágica faz-se presente na infância narrada por Kayapó (2010, p.1): “Uma das brincadeiras preferidas era correr em disparada atrás dos tralhotos. A cada caçada a esperança de pegá-los sem nunca conseguir, não nos fazia desistir de novas tentativas”, de forma que o vaticínio de Benjamin em relação às sociedades ditas modernas, não se aplica à realidade do menino amazônico, que ao perseguir o peixe, sabe que para conquistá-lo é preciso confundir-se com o ele, tornar-se algo que não é mais ele mesmo, é energia que movimenta uma outra forma de ser, experimentando algo que não é da ordem da “reprodução passiva da realidade dada” e sim da condição de quem produz semelhanças, de quem se encontra diante da força da vida e sabe reconhecê-la – afinal é a mesma força que está em si.

Assim, a infância, essa subjetividade que perseguindo peixes, deixa-se conduzir a um outro tempo, ao limiar do instante em que se experimenta não apenas a materialidade, mas a própria força da vida, de uma animalidade que resiste no humano e que o faria regredir até ao ponto em que a libertação das formas fechadas de ser seria possível. Ao

retornar do que é apenas esse instante livre de toda cronologia e linearidade, retorna-se com potencialidade de criação, re-criação, de reconfiguração do presente ao fazer com que ele se encontre com o passado para promover a abertura radical do futuro.

Ressalto que essa experiência nominada por Benjamim de *experiência do por vir* acontece na superfície. Os meninos correm atrás dos peixes em um movimento que é exterior, corpóreo e guiado pela concreção dos cheiros, das percepções táteis, sabores, sons, cores e brilhos que dão forma e *topos* ao acontecimento. Assim, qualquer intenção subjetiva ou de interiorização é apagada no objeto e o pensamento agarra-se à coisa em toda a sua dimensão exterior. Ao narrar a cena transcrita abaixo, em que troncos de árvores são arrastados através do grande rio, Kayapó o faz objetivamente, como quem abre páginas de um livro e oferece à leitura as ilustrações para uma criança que ainda não domina o código escrito da língua. A criança vê, espanta-se e move o olhar para outra paisagem.

A noite chega e a lua já não mostra o mesmo brilho da noite anterior. A maré estava calma, mas, de repente, ondas fortes atingiram a lateral do barco, fazendo-o balançar lentamente.

Fui ver o que acontecia. Seria mais uma baía daquelas? Não. Deparei-me com um rebocador puxando uma balsa gigante, lotada de pilhas de troncos de árvores, como jamais pude imaginar. Impressionado, pensei: “de onde tiraram todas essas árvores? Por quê? Para que?”.

A noite passou tranquila e logo cedo procurei o missionário, pois a imagem da balsa me impressionou tanto que precisava ser esclarecido:

__ Missionário, pra que servem todos aqueles troncos de árvores que vimos empilhados na balsa?

__ Madeira para o “estrangeiro”, menino. Para o “estrangeiro”! __ ele respondeu entre o pesar e a resignação. Depois do café, fui para a proa do barco para contemplar o rio, os animais e a floresta. (KAYAPÓ, 2010, p.3)

Porém é preciso discutir o que há de paradoxal nessa afirmação de exterioridade, já que a subjetividade pensada a partir do estatuto da infância é construída nos limites do exterior e do interior. Parece-me que há uma diluição de fronteiras normalmente fixas do fora e do dentro, a criação de um espaço do por vir. Seria a partir dessa exterioridade, nem sempre apreendida em seu significado convencional, é que a interioridade começaria a ser constituída em uma relação que é ao mesmo tempo divergente e convergente.

O curumim de Projetos e Presepadas, ainda que intuitivamente, sabe-se situado nesses limites e ao mesmo tempo que se reconhece como parte da imensa Amazônia, assusta-se diante de uma grandeza que lhe exterior, por isso ameaçadora: “Nunca tinha visto nada igual e nem conseguia imaginar que o rio e a floresta fossem tão grandes. Tive a sensação de ser tão pequeno, uma parte bem pequena deste mundo.”, mas me senti bem, acolhido pelos espíritos da floresta.” (KAYAPÓ, 2010, p.4)

A linguagem da floresta comunica um texto que de alguma forma é também do menino que, apesar do medo, se reconhece nela. Há então um prolongamento do que é seu próprio corpo, uma diluição dos espaços do fora e do dentro, pois a floresta é tudo que há nela é como ele, não é capaz de utilizar o código verbal, necessita sempre da voz do outro, do adulto capaz de nomear e atribuir significados convencionais. É essa voz madura e munida de capacidade que Kayapó traz para sua narrativa quando conta a cena que se segue:

Descemos pela ponte colocada entre o barco e o trapiche e na chegada nos deparamos com a aglomeração de dezenas de pessoas, entre elas, indígenas e gente de pele e olhos claros, entre outros. O missionário perguntou a um rapaz de olhos azuis o que era aquilo. Com uma expressão séria e voz firme o rapaz respondeu prontamente: "não queremos nenhuma usina hidrelétrica por aqui, meu senhor". Em seguida virou as costas. (KAYAPÓ, 2010, p. 6)

É interessante notar que na perspectiva indígena, é a própria floresta, para nós coisa muda e indefesa, que diz sua recusa diante da ação humana destrutiva:

“Um velho índio, sentado num banco em frente à pensão fumando seu cachimbo falou: __ Quiseram vencer a floresta, arrancaram as árvores do chão. Onde não tem árvore tem lama. Mas onde já se viu! __ indignou-se. __ Não vence a floresta. Não vence, não. __ murmurou entre um sorriso. (KAYAPÓ, 2010, p. 7-8)

Como a floresta, o menino kayapó, assume o silêncio de quem ainda não pode argumentar, inútil explicar ao preceptor que Deus com certeza não se aborreceria se as crianças fossem pescar e tomar banho de rio em vez de irem para as reuniões de evangelização. Acaso essas não seriam também formas válidas de estar perto do Criador? O curumim adivinhava que alguém “que vivia a repetir a frase: ‘gosto mui jiló’.”

(KAYAPÓ, 2010, p.12) não poderia mesmo entender sua alma indígena inundada de liberdade. E se calava, assombrado por todos os medos: “Eu estava trêmulo. Ainda era uma criança perto de meu irmão e dos dois parceiros de projeto. Senti muito medo de ser expulso. Isso seria trágico. Decepcionar meus pais e meu povo. Minha mãe esperava que eu me tornasse um pastor.” (KAYAPÓ, 2010, p.11).

Além disso, havia ainda o medo “da grandiosidade e dos sons da floresta e de tantas formas de vida que nela habitam” (KAYAPÓ, 2010, p.12). No entanto a cosmologia indígena ancestral fala ao curumim que ele não está só, nem diante da maior floresta do mundo, nem diante das regras opressoras do colégio, da incompreensão absoluta e de uma solidão que o faz projetar e empreender longas caminhadas mata adentro, sempre ao entardecer e sem a companhia de qualquer outra criança. É possível que o objetivo da empreitada ia muito além do desejo de comer os mamões silvestres e doces encontrados no interior da mata. Vê-se nessa cena, a criança acometida de uma solidão extrema e em busca de reconhecimento nas coisas ao seu redor, de aliados possivelmente.

Em uma dessas caminhadas, me deparei certo dia com um ninho de passarinho em um mamoeiro. Depois de um longo tempo apreciando os bichinhos piando (eram quatro filhotes), resolvi levar os dois maiores para o alojamento comigo, pois tinha decidido que cuidaria deles até que ficassem adultos, e depois os soltaria na floresta (KAYAPÓ, 2010, p.12).

Os passarinhos encontrados por Kayapó é naquele momento a figura do que para ele estava perdido e, portanto interpelavam a respeito dessa perda – a liberdade. O cuidado prometido às avezinhas metaforiza a sua própria condição de sujeito no internato, cujo papel era o de apagar o ser indígena kayapó, na acepção de Lander (p.13-14) efetivar a “aniquilação ou civilização” a partir do pressuposto de que a instituição seria a portadora de uma cultura superior responsável por tirar os povos indígenas do atraso e do primitivismo.

Ajudam também o curumim, outros seres que oferecem auxílio em momentos cruciais, conforme nos conta Kayapó em:

fomos para a beira do rio Xingu, onde pudemos brincar a vontade, tomando banho nas águas límpidas. Depois de algum tempo já atravessávamos o rio a nado em seu trecho mais estreito.

Em uma das idas a outra margem, um índio que estava por ali avisou:

— Ei, moleque! Tem pirarara nessa água. Para de presepada! Pirarara é bicho grande e mau. Com uma bocada esmaga sua perna. Pode até matar.

Enquanto a gente se entreolhava assustados, aquele velho de rosto enrugado, com seus colares de penas de arara e suas pulseiras de sementes, desapareceu entre as árvores. Por algum tempo achei que se tratava de uma “visage”. ((KAYAPÓ, 2010, p.7).

Para o Edson (2010, p. 15) já escritor dessa narrativa, o velho representava “os espíritos ancestrais *que* estiveram no comando de toda *sua* trajetória, mostrando caminhos”, ajudando-o a não desistir de sua maneira própria de ser povo indígena, apesar de todos os empreendimentos feitos pelo internato para inseri-lo nas lógicas ocidentais homogeneizantes, no intuito de negar e apagar sua existência.

Essa insistência (resistência?) em viver as tradições de seu povo, mesmo em contato com uma sociedade que não as reconhece ou valoriza, se revela a partir da linguagem empregada em *Projetos e Presepadas*. Kayapó (2010) utiliza palavras *estrangeiras* em meio àquelas do léxico próprio da língua portuguesa, sem se preocupar em explicá-las em notas de rodapé ou em um glossário: *pira*, *pavulage*, *bacabeiras*, *tratolhos*, *parau* e tantas outras. Apesar de algumas chaves de leitura oferecidas ao leitor, o autor nos abandona a nossa própria sorte, ou, prefiro dizer: aos nossos próprios sentidos, à intuição, àquela esfera em que ler vai além da inteligência.

É nessa linguagem sulcada por elementos estranhos a nós, que *Projetos e presepadas*: a trajetória de um curumim pela Amazônia brasileira abre-se, não para a infância como acontecimento marcado temporalmente, mas para um devir-criança, encontro entre um adulto e uma criança, lugar de passagem da vida, de outras estéticas possíveis. É pertinente aqui trazer o belo infinitivo pensado pelo professor Walter Kohan (2007, p. 92): infantilizar, para afirmar a potência da narrativa em questão como algo que para além de se apresentar como projeto possível e revolucionário, através da apropriação impossível de singularidades, “provoca o possível, a experiência (...) cria novos possíveis, novas possibilidades de vida, uma vida nova, uma nova política.” (KOHAN, 2007, p.93-94).

Era assim que a gente brincava à beira do grande rio... E a infância cria o tempo do agora, em uma ecologia que, segundo Boaventura (2002, p.251) confronta a ideia de que o tempo linear é a única concepção de tempo possível e correta. Ao contrário, tal concepção, “nunca eliminou, nem mesmo no Ocidente, outras concepções que não se deixam captar adequadamente nem pela imagem de linha nem pela imagem de círculo”. Enfim, a infância como modo de pensar, provoca abalos na mais fundamental concepção de racionalidade ocidental, a temporalidade, uma vez que desloca o presente como um lugar “entrincheirado entre o passado e o futuro” (2002, p. 247) e o futuro como expansão de uma realidade cada vez mais totalizante em seu projeto de progresso, inaugurando outras possibilidades frente ao inexorável da razão metonímica.

Referências bibliográficas

BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRITO, Edson Machado. **Projetos e presepadas: a trajetória de um curumim pela Amazônia**. São Paulo: 2010.

KOHAN, Walter O. **Infância, estrangeiridade e ignorância**. Ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LANDER, Edgar. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. In: *Perspectivas latino-americanas*. Edgard Lander (org). Colección Sur Sur, Clacso, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63. Outubro, 2002, pp. 237-280.